

O voo do ebola

Era ainda madrugada quando soou o telefone na sala da inspeção sanitária do Aeroporto do Galeão. O funcionário que atendeu já esperava aquele chamado pois havia a previsão da chegada de um voo internacional. Naqueles dias de notícias alarmantes sobre a epidemia de Ebola a chegada de um voo originado na África era considerado prioridade de saúde pública.

Ninguém sabia exatamente o que era aquela epidemia e as fontes oficiais de informação não esclareciam muito. Havia uma orientação que se fizesse a inspeção dos passageiros e das aeronaves somente se fossem relatadas evidências clínicas nos passageiros. Mas quais eram estas evidências? Os quadros nosológicos referidos não eram muito esclarecedores exceto se fosse constatado algum sangramento corporal.

O comandante do voo que vinha da África do Sul informou à torre de controle do Rio de Janeiro, horas antes de chegar, que houvera um óbito a bordo e não havia como alterar o rumo da aeronave. Teriam de pousar no Galeão.

Óbito a bordo é uma situação incomum nos voos, mas não rara e os atendentes tinham treinamento para lidarem com o fato. A informação para a vigilância sanitária veio de alguém na torre de controle sem maiores detalhes sobre o ocorrido.

O assunto logo circulou nas salas das autoridades aeroportuárias e como costuma ocorrer com os boatos foi tomando contornos de crise iminente, óbvio, por causa do Ebola.

Quando o sanitarista chegou no terminal do voo foi informado que o avião não atracaria naquele local, mas seria mandado para uma “remota”, ou seja, ficaria longe do terminal. Na área de desembarque onde ficam os parentes e conhecidos dos viajantes que chegavam a notícia veio da pior maneira possível, através de uma boca a boca de origem desconhecida.

“Teve uma morte a bordo por ebola e o avião foi colocado em isolamento”.

“Alguém morreu de ebola no avião.

“Foi recusada a aterrissagem no aeroporto, não se sabe para onde irá o avião”

“Os pilotos morreram de ebola o voo está à deriva”.

Estas e outras alevisias circulavam não apenas no recinto do aeroporto, mas fora dele, e já apareciam alguns repórteres da imprensa e do rádio.

Uma repórter entrevistava os presentes no desembarque perguntando-lhes o que fariam no caso do ebola.

O sanitarista quando abordado por esta radialista a alertou:

- Não há caso nenhum de ebola. Estou indo agora para inspecionar o avião e aviso a você que espalhar notícias falsas é crime. Espere até terminarmos a inspeção.

No caminho para a aeronave que finalmente chegara e fora alocada na posição remota, o funcionário da saúde que acompanhava o sanitarista refugou dizendo-se com medo do vírus. Foi advertido pelo médico:

- Olha aqui, Gonçalves, quando você entrou no serviço sanitário já sabia destes riscos.

- Mas doutor a turma da polícia também não quer ir.

- Tem um morto a bordo que precisa ser levado para o IML e isso é tarefa da Polícia Federal. Você vai acompanhá-los garantindo que não há risco algum. É o seu papel como

agente sanitário e ademais, confie em mim. Eu vou entrar no avião e inspecionar o local da morte. OK?

Durante o trajeto foi possível conversar com a tripulação e constatar que o óbito se dera depois de um mal súbito e inclusive tivera o atendimento de outros passageiros médicos que estavam a bordo e conheciam o falecido.

O aeroplano fora cercado por uma patrulha da aeronáutica comandada por um tenente. No sopé da escada reuniam-se os funcionários da limpeza, todos de máscaras e luvas.

O sanitarista fez uma breve parada para falar com esta turma:

- Agora, tá todo mundo de luvas, botas e máscaras, mas quando pedimos para fazerem isso regularmente vocês reclamam.

- Doutor – indagou uma servente da limpeza – isso pega?

- Se for ebola pega só de olhar – Rebateu o médico – e continuou dirigindo-se a todos os circunstantes – Vou entrar no avião e verificar a ocorrência. Se eu aparecer no topo da escada e fizer o sinal negativo quer dizer que ninguém entra nem sai da aeronave. Se eu fizer o sinal positivo, está liberado. Não é ebola.

A chefe de cabine e a tripulação explicaram detalhadamente o ocorrido de tal forma que não havia nenhuma possibilidade de ter sido por algum agente contagioso, mormente o ebola.

O corpo foi facilmente retirado debaixo de uma poltrona pois a vítima além de tudo era um anão.

O difícil foi controlar as emoções dos familiares e conhecidos no desembarque além dos repórteres querendo saber sobre o ebola.